

Todos defendem rompimento

Havana — Apesar das diferenças de tom, todos os oradores da primeira sessão plenária do encontro sobre a dívida latino-americana concordaram em pedir moratória ou suspensão total do pagamento. Todos estiveram de acordo, também, em argumentar que não se pode pagar porque não há de onde tirar dinheiro, que é imoral e injusto que as classes mais pobres carreguem o peso de um empréstimo do qual nunca viram os benefícios e que os países subdesenvolvidos se transformaram, definitivamente, em exportadores de capital líquido para os países ricos.

Um longo aplauso se seguiu às palavras da religiosa Eunice Santana, ministra da Igreja Discípulos de Cristo de Porto Rico. Com voz clara e tom cortês, afirmou sem rodeios que a dívida não é apenas impagável: é também incobrável.

O ministro do Planejamento da Bolívia, Freddy Justiniano, falou como representante do presidente Siles Zuazo: "A Bolívia deixou de pagar sua dívida externa há um ano e meio e no entanto suas dificuldades econômicas não foram resolvidas, devido à baixa dos preços das matérias-primas, à diminuição do volume das exportações e ao crescimento das taxas de juros dos bancos".

O secretário-geral da Central Operária Boliviana (COB), Walter Delgadillo, fez notar que o compromisso entre os trabalhadores e o governo de seu país de não pagar a dívida havia sido desfeito quando o governo pagou uma parte aos bancos privados internacionais.

Magdalena León, do Movimento de Mulheres Latino-Americanas, pediu a aplicação da nova ordem econômica internacional e a suspensão do pagamento da dívida.